

# Convergência entre meio impresso e digital: reconfigurações nas rotinas jornalísticas da Tribuna do Norte e do Extra

**Luciane Fassarella Agnez**

Doutoranda em Comunicação pela Universidade de Brasília  
luagnez@gmail.com

## Resumo

O artigo é dedicado à investigação acerca das mudanças que ocorrem no jornalismo na sociedade contemporânea, em decorrência da própria conjuntura sociocultural intensificada pelas tecnologias da comunicação. O enfoque se dá em torno do processo de produção da notícia no jornalismo impresso em sua convergência tecnológica e profissional com a internet. A proposta foi investigar a experiência de dois jornais brasileiros na implantação de modelos de integração entre as produções dos meios impresso e digital.

## Palavras-chave

Newsmaking; Tecnologias Digitais; Convergência.

## 1 Introdução

A adoção de novas técnicas e tecnologias de comunicação provocou mudanças, sobretudo ao longo do século XX, nos modos de produção, distribuição e consumo da informação. A internet, em particular, apresenta um aspecto diferente das demais tecnologias introduzidas no jornalismo: ela é mídia, mas também suporte e ferramenta de trabalho. A web foi introduzida primeiramente nos processos de produção e apuração do produto jornalístico, mas rapidamente ela se tornou também mídia, plataforma de veiculação e distribuição de notícias, levando ao surgimento do chamado webjornalismo. Desde então, a dinâmica do trabalho da imprensa vem sofrendo mutações. Entre elas, podemos citar a intensificação da noção de “tempo real”, a cobrança crescente por agilidade, alterações nas rotinas de produção, a apuração cada vez mais frequente sem sair das

redações, o aumento das possibilidades gráficas e maior apelo visual, para citar apenas o mais visível. Outros fatores relativos à memória, ao banco de dados e à arquitetura do texto noticioso também estão inseridos nesse contexto.

O fazer jornalístico passa por mutações profundas nesse início de século e as empresas sinalizam que estão revendo suas estratégias. Especialmente no caso da mídia impressa, foco deste trabalho, têm sido frequentes as discussões em relação ao “futuro do jornalismo”. As empresas jornalísticas no Brasil e em diversas regiões do mundo, sobretudo nos países ricos, têm discutido mecanismos de geração de receita com a internet e apresentado tentativas de estabelecer novos modelos de negócio. O debate não é a plataforma em si, mas os desafios ao jornalismo industrial e as reconfigurações em seu modo de produção e sua função social na sociedade contemporânea. É interessante e proveitoso observar como as empresas de jornalismo estão lidando ou se posicionando diante de tal cenário, ao entrarem no ambiente web na tentativa de continuarem concentrando o papel de grandes fornecedores de informação, mesmo nesse mundo conectado em rede. A convergência entre o ambiente digital e o jornalismo impresso ainda está em processo de desenvolvimento, com modelos sendo testados em todas as suas áreas de abrangência.

## 2. A convergência jornalística

O conceito de “convergência” é bastante difuso e não se restringe a tecnologia. Barbosa (2009) apresenta seis áreas de abrangência da convergência jornalística: Tecnologias (infraestrutura técnica); Empresarial (grupos nacionais e internacionais em seus processos de alianças e fusões); Profissionais (redações unificadas ou independentes que trabalham em cooperação para a produção de conteúdos para distintas plataformas); Editorial/Conteúdos (mistura de gêneros jornalísticos e a linguagem multimídia para a elaboração de novos formatos de notícia); Meios (com suas linguagens e características específicas); e Audiência (participação do público via canais de interatividade). Esse trabalho se dedica à esfera Profissional, tratando de um modelo de convergência que vem sendo adotado por empresas de diversos países nos últimos cinco anos: o de redações integradas, com equipes capazes de atender às plataformas impressa e online.

Com esse modelo, os jornalistas passam a ser exigidos, em suas atividades diárias, a produzir conteúdos para diferentes plataformas e formatos, o que, na avaliação de diversos

autores, pode comprometer a qualidade do material informativo. Kischinhevsky (2009) afirma que a preocupação das empresas de comunicação no Brasil e no exterior tem se mostrado muito mais no sentido de constituir jornalistas travestidos de “banda-de-um-homem-só” ou em “malabaristas das ferramentas digitais”, do que questionar e atender a sua função social na contemporaneidade. Como vítima desse processo de convergência, o jornalista enfrenta questões relativas à precarização do trabalho, ameaças de demissões, além da queda da qualidade do seu produto e necessidade de formação de uma nova autoimagem para a identidade profissional.

Diante desses fatores, questionamos: como está sendo conduzida a integração das equipes de redação (plataforma impressa e online) no jornalismo brasileiro, sob os dois aspectos centrais da abordagem do newsmaking, ou seja, do processo de produção da notícia: rotina e cultura profissional? A rotina engloba todo o modo de produção, sistematização e repetições de técnicas e procedimentos que alimentam a rotina diária do jornal. A cultura profissional, no que propomos neste trabalho, compreende o conjunto de regras, hábitos e convenções que são compartilhados entre os profissionais e estruturam o seu campo (SODRÉ, 2009).

Como a convergência jornalística é um processo em evolução contínua, de cariz complexo, o desenvolvimento de pesquisas que estudem casos distintos, de regiões diferentes para conhecer as rotinas de produção em redações integradas, permitirá esclarecer a(s) forma(s) configuradora(s) da convergência jornalística no Brasil, seus modelos, como é o desenvolvimento e implantação das ações relativas às distintas áreas da convergência jornalística e o grau de convergência existente (BARBOSA, 2009, p. 51).

Assim, para contribuir nesta análise, foram selecionados dois jornais de distintas regiões do país, com o intuito de acompanhar internamente o funcionamento da redação desses veículos em suas versões impressa e online, diante da adoção das ferramentas digitais. O primeiro é a Tribuna do Norte ([www.tribunadonorte.com.br](http://www.tribunadonorte.com.br)), o jornal diário de maior circulação no Rio Grande do Norte, que iniciou o processo de unificação das redações em 2009. O segundo é o fluminense Extra ([www.extra.inf.br](http://www.extra.inf.br)), líder do segmento popular em seu estado, que lançou o portal na internet em 2007 já no modelo de convergência com a redação do meio impresso. A autora participou da rotina dos dois jornais por um período de 20 horas em cada, utilizando a técnica da observação participante, tendo realizado a pesquisa no jornal potiguar em maio de 2010 e no fluminense em setembro do mesmo ano. Foram realizadas entrevistas em profundidade com informantes acerca do fenômeno em

questão, selecionados de acordo com a relevância da posição dessas fontes nas empresas. Foram ouvidos diretores de redação e a equipe diretamente envolvida na produção multimídia pela editoria de “Cidades” em cada um dos jornais, nos diferentes níveis hierárquicos (editores e repórteres).

Para confrontar a observação da rotina dos jornais e as declarações dos entrevistados com o que de fato se manifesta no produto final, foi realizada uma análise de conteúdo, com notícias selecionadas tanto da plataforma impressa quanto digital dos dois veículos. O objetivo foi investigar se aquilo que é proposto para o fluxo produtivos das plataformas podia ser observado no conteúdo jornalístico. Os dados foram coletados na Tribuna do Norte entre 30/03 e 09/05 de 2010, totalizando 145 notícias (80 impressas e 65 online), e no Extra entre 19/07 e 05/09 de 2010, totalizando 339 notícias (110 impressas e 229 online).

Os dados coletados foram analisados de acordo com categorias temáticas previamente definidas, distribuídas em dois blocos: a) rotinas e modo de produção (equipe, produção, publicação e modelo de negócio); e os reflexos dessa convergência na b) cultura profissional e no jornalista em seu ambiente de trabalho (introdução das tecnologias digitais, concepção da notícia, questão da qualidade e mercado de trabalho).

### **3. Dois modelos: breve apresentação**

A Tribuna do Norte completou 60 anos em 2010 e atualmente é líder em todo o Rio Grande do Norte. De acordo com dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), referente ao mês de janeiro de 2012, o jornal circula diariamente, em média, mais de 200% de exemplares que o segundo colocado no estado. O portal do veículo na internet, o TN Online ([www.tribunadonorte.com.br](http://www.tribunadonorte.com.br)), estreou em janeiro de 1999, acompanhando o boom dos veículos tradicionais brasileiros no meio digital. A Tribuna do Norte repetiu a estratégia de ocupar o novo espaço em ascensão, seguindo o formato de transposição do conteúdo impresso para o meio digital. Somente em 2005 o jornal montou uma pequena equipe para dar suporte ao TN Online e produzir algum conteúdo. A criação de um canal multimídia, entretanto, é ainda mais recente. As primeiras ações ocorreram experimentalmente em 2008, e culminou com uma reestruturação do portal em julho de 2009. Nesse momento, o TN Online não somente ganhou um novo layout e mais interatividade, como alterou o processo produtivo e a rotina diária do jornal impresso. Todas as equipes de reportagem -

incluindo chefes e secretários de redação, editores, repórteres e fotógrafos - passaram a ter em suas atividades a produção de conteúdos para o portal na internet.

O outro jornal investigado é mais jovem. O Extra, que circula em todo o estado do Rio de Janeiro, foi lançado em 1998 e rapidamente se tornou um dos mais vendidos no país (segundo o IVC, durante o ano de 2011 ele foi, em média, o quinto maior em circulação, com mais de 230 mil exemplares por dia). O veículo é editado pela Infoglobo, que também mantém os jornais O Globo e Expresso, além da Agência O Globo. A entrada do Extra na internet ([www.extra.if.br](http://www.extra.if.br)) aconteceu somente em 2007. A relativa demora se deveu ao fato de a direção do jornal não saber como entrar nesse novo ambiente para oferecer algo relevante e que não ameaçasse a versão impressa por causa da disponibilização gratuita de conteúdos pela web. O próprio mercado forçou uma iniciativa: em 2005 surgiu um novo segmento no Rio de Janeiro, o dos jornais compactos populares. Ocupar a internet passou a ser uma necessidade e também um diferencial competitivo. O modelo adotado foi então o da redação integrada, com as editorias do jornal impresso encarregadas de produzir material para a versão impressa e digital.

#### **4. Rotinas e modo de produção**

Observamos que o modelo de convergência de redações entre o meio impresso e a internet não é padronizado, não tem uma fórmula. Aliás, o único consenso entre os profissionais entrevistados para esta pesquisa é de que o processo de produção online constitui ainda hoje um grande laboratório para o jornalismo, com a introdução de novas rotinas e ferramentas. A equipe do TN Online era composta por um editor, um repórter e três estagiários distribuídos pelos três turnos (manhã, tarde e noite). É a redação do impresso que atualmente é responsável pelo fornecimento do material que vai abastecer o TN Online, ao longo da rotina que produzirá o jornal impresso do dia seguinte. Mas não são os repórteres que publicam o conteúdo diretamente no portal. A equipe do online adapta (edita, reduz ou transcreve na íntegra) as notícias e publicam na internet, ou recebem as informações dos repórteres por telefone e elaboram notas para o site.

O projeto de convergência das redações na Tribuna do Norte partiu da necessidade de se ampliar a oferta de conteúdo online, visto o crescimento dos usuários, porém sem a possibilidade da empresa ampliar custos ou equipe. Relatos afirmaram que as mudanças no modo de produção aconteceram de cima para baixo, foram anunciadas pela direção do

jornal sem maior envolvimento dos repórteres ou editores. Além dos repórteres e editores do impresso que passaram a fornecer o material jornalístico também para a internet, os secretários de redação (que são dois, um pela manhã e outro à tarde), entre outras atribuições, assumiram a responsabilidade de acompanhar o fluxo entre as plataformas impressa e digital.

No caso do Extra, são as equipes das editorias do veículo impresso que produzem as notícias e realizam as postagens de conteúdo no site, sem qualquer filtro. A editoria de “Cidades e Polícia”, que contava com 23 profissionais no período da pesquisa, mantinha dois blogs (“Caso de Cidade” e “Caso de Polícia”) no site do jornal. Os próprios repórteres, editores ou chefes de reportagem faziam a inserção de uma nova notícia, sem filtro ou edição, de onde estivessem. Em 2007, quando o Extra Online foi lançado, a direção tinha dois objetivos: não colocar na internet o mesmo conteúdo que estava no papel (fugir daquela ameaça de que oferecer o mesmo conteúdo de graça poderia impactar as vendas em banca) e desenvolver um modelo pelo qual a mesma equipe do impresso pudesse atender as atribuições do online, sem ampliar os custos com pessoal. Com o modelo de convergência definido, o jornal apostou em uma série de experiências que envolveram da produção de vídeos à formatação do projeto Repórter 3G. No Extra, a dinâmica de produção de notícias em “tempo real” para o site e posterior publicação no impresso, com conteúdo supostamente diferenciado, um dos profissionais do jornal resume o que parece ser um processo relativamente naturalizado:

O que parece ser mais trabalho é apenas o acréscimo de competências que antes eram usadas apenas para TV e rádio [*sobre a captura de imagens*]. Muita coisa que usamos para esse jornalismo multimídia, as pessoas já usam em seus momentos de lazer. Fazem fotos e vídeos com suas câmeras e postam em blogs e no YouTube. A diferença neste caso é que a produção é para o jornal. Todo conteúdo de texto que eles postam nos blogs durante a cobertura já serve como uma prévia do que vai para o jornal no dia seguinte. É claro que o diferencial é sempre guardado para o impresso, mas boa parte desse conteúdo já feito também é levado para o impresso. Nem todo mundo consumiu o nosso conteúdo. Isso facilita o que o repórter já teria que bater no final do seu dia de trabalho. Ele só terá que consolidar e modificar a linguagem (PE1<sup>1</sup>).

O conjunto de procedimentos da produção jornalística constitui para o profissional uma rotina, de aspectos repetitivos, resultado de uma socialização dentro do campo. No entanto, verificamos que alguns dos saberes, das técnicas e das atividades característicos do

---

<sup>1</sup> Para preservar a identidade dos profissionais que colaboraram com essa pesquisa, eles foram identificados por siglas. “PE” se refere aos jornalistas do Extra e “PT” aos da Tribuna do Norte. A única distinção é feita em relação ao cargo de diretor de redação: “DE” (diretor do diário fluminense) e “DT” (diretor do jornal potiguar).

meio impresso estão se alterando na sua convergência para a internet, como as funções de pauta e edição, ou até mesmo a atividade de apuração e construção da narrativa pela linguagem multimídia. A luta contra o tempo, que sempre foi uma regra de sobrevivência para o jornalismo, é acirrada. Além disso, a periodicidade do jornal impresso se altera com as atualizações a cada minuto da internet.

Na Tribuna do Norte, o assunto que é publicado no jornal de hoje, em parte, foi publicado no dia anterior por meio de flashes para o site. Além disso, a meia-noite, todo o conteúdo jornalístico da versão impressa deve ser publicado na íntegra no TN Online. Para completar, uma versão em formato flip com toda a edição impressa está acessível gratuitamente para o internauta. A orientação da direção de redação, desde a reformulação do portal em julho de 2009, é de que todo o material jornalístico que esteja sendo preparado para a edição do dia seguinte do jornal seja publicado no mesmo dia pelo site. Salvo em casos específicos, a direção pode orientar que a “exclusividade” seja mantida para o impresso – o que foi observado especialmente no caso das reportagens especiais de final de semana. São produzidas exclusivamente para o TN Online notícias que sejam factuais e não repercutam na versão impressa.

Para melhor observar como isso ocorre na prática, a análise do conteúdo coletado traz à luz o resultado desse modelo de convergência no produto final. No comparativo entre os assuntos que são publicados na versão impressa da Tribuna do Norte e o que sai no seu portal, verificou-se que 23,7% do conteúdo do impresso foi noticiado na véspera pelo portal Tribuna do Norte. O número é baixo, dado que a orientação - declarada tanto pelo diretor de redação quanto pelos profissionais - é de que “tudo”, salvo exceções, tenha flashes produzidos para a internet. Dessas notícias publicadas na véspera no site, a grande maioria (68,4%) fornecia exatamente a mesma informação/notícia que circulou na edição impressa no dia seguinte. Em alguns casos, se suprimiu um parágrafo final na versão online, ou os títulos foram alterados, mas a estrutura do texto se manteve a mesma.

Em 15,7% do material coletado, o conteúdo do site estava diferente, quase sempre em casos ou eventos que ocorreram naquele dia e teriam conseqüentemente desdobramento diferente no dia seguinte. Já em outros 15,7% as matérias do meio online estavam realmente escritas de forma diferenciada, com outras fontes ou abordagens, da matéria impressa. Por fim, das reportagens que saíram no jornal, apenas 17,5% não foram transpostas na íntegra para o site a meia-noite do dia de circulação, descumprindo um

procedimento tido como padrão. A estratégia, de acordo com os profissionais entrevistados, é fazer do site uma vitrine para a versão impressa.

No site devemos publicar “pílulas da notícia” que estará no impresso e remeter para o jornal, ou seja, levar o leitor para conferir mais informações no dia seguinte nas bancas (PT3).

Não adianta segurar a informação para o impresso que sairá no dia seguinte ou restringir o acesso pelo site, pois a concorrência dará a notícia (PT2).

No entanto, um dos profissionais admitiu que ainda há dificuldades tanto pela rotina, quanto pela cultura profissional, em atender o objetivo, que só apareceu no discurso: o de publicar pela internet a informação em tempo real e oferecer ao leitor, no dia seguinte, um conteúdo aprofundado na edição impressa.

Antes da internet, todo repórter tinha que ir para a rua, era obrigado. Até mesmo a apuração por telefone era pouco frequente. Vejo que hoje está tudo muito mais imediatista, tanto pela necessidade de agilidade, como pelo perfil do próprio profissional. O jornalista não vê a expressão do entrevistado, ou o ambiente. [...] Mas acho que essa forma compromete sim o produto final, a matéria acaba parecendo um boletim de ocorrência. Estamos tentando acertar, mas as falhas ainda são frequentes: nem produzimos um material realmente abrangente e analítico para o impresso, como o jornal se propõe a ser, nem um conteúdo na linguagem multimídia. Acaba ficando tudo muito parecido (PT1).

No caso do Extra, os dados da análise de conteúdo apontam para um cenário um pouco diferente. Do total de notícias impressas coletadas, apenas 22% foram transpostas para o site na íntegra no dia da publicação. Isso ocorreu, sobretudo, nos casos de notícias especiais produzidas para as edições de final de semana. Das reportagens que saíram no Extra, 31% foram veiculadas na véspera pelo site. Dessas, apenas 26% foram publicadas exatamente iguais no online e no papel. Inclusive, um percentual de 17,6% das notícias veiculadas na véspera estavam maiores (com mais informações) na web, repercutindo apenas em formato de nota na versão impressa. Em complemento, cerca de 59% desse conteúdo trazia textos realmente distintos, alguns com fontes diferenciadas, para os dois formatos.

As estratégias de rentabilidade das empresas jornalísticas, tanto no meio impresso, quanto no digital, influenciaram na definição de convergência entre as duas plataformas no caso dos jornais estudados. Como descrito acima, o internauta tem três modalidades de

informações disponíveis no TN Online e, no modelo atual, ninguém precisa comprar a Tribuna do Norte para conhecer seu conteúdo jornalístico, basta ter acesso à internet (o que já é comum ao perfil e classe social dos seus leitores). A receita publicitária na internet ainda é baixa e é a versão impressa da Tribuna do Norte que custeia as duas publicações. A principal fonte de lucro ainda são os anúncios publicitários, complementados por assinaturas e venda em banca.

No Extra, a própria demora em entrar na internet (só ocorreu em 2007) foi reflexo das dúvidas em relação ao modelo de negócio: como sobreviver financeiramente oferecendo conteúdos gratuitos na internet, podendo ameaçar a venda da versão impressa, e sem uma receita garantida no meio digital? A preocupação decorreu especialmente pelo fato de o jornal ter um perfil popular, cujo diferencial se apoiava num valor mais barato para venda. A estratégia editorial definida para a internet foi então fornecer o que o papel não comportava – a multimídia e a maior interatividade. Além disso, a versão impressa continuou exclusiva para venda em banca, o conteúdo não é disponibilizado integralmente no site. A principal fonte de recursos ainda é a publicidade do meio impresso, que custeia inclusive as iniciativas multimídias.

Assim como afirmou Soloski (1999), a atividade jornalística como está organizada, nos moldes do capitalismo de mercado, não é autônoma, mas dependente das estruturas organizacionais às quais está ligada. Nos dois casos analisados, a questão financeira foi fundamental para a adoção do modelo de redações integradas e para a produção de conteúdos para o meio digital sem aumentar o quadro de funcionários.

## **5. Cultura profissional e o jornalista no ambiente de trabalho**

De forma unânime, da direção de redação da Tribuna do Norte aos repórteres, todos concordaram que a maior dificuldade em se desenvolver um projeto de jornalismo multimídia está na cultura profissional e na resistência dos próprios jornalistas, mesmo dos mais jovens. São duas as perspectivas: uma se refere às condições de trabalho, pois alguns consideram que ter que produzir para o impresso e o online é uma forma de trabalhar duas vezes, sem ganhos salariais e com maior pressão em relação ao tempo. O segundo aspecto está relacionado ao desconhecimento do potencial da tecnologia. Apesar de ter equipamentos digitais disponíveis para o trabalho (como laptops e smartphones para as reportagens de campo), a dinâmica produtiva da notícia ainda acontece da mesma forma que no modelo analógico, pois o pensamento dos profissionais (não importa a idade ou

cargo) é o mesmo, da concepção da pauta, passando pela agilidade de produção, até a forma narrativa, que reproduz a estrutura textual do jornal impresso.

Entre os casos relatados na Tribuna do Norte há desde os mais simples, como o editor que na correria diária “esquece” que tem um portal para abastecer com conteúdo, ou o repórter que não gosta de passar flashes da rua, pelo telefone, e ainda prefere retornar à redação para redigir sua matéria. A comodidade do ambiente da redação, o tempo necessário para se compor a narrativa e a propriedade intelectual sobre o texto (no sentido dele próprio querer escrever a notícia que apurou) foram alguns dos fatores apontados. Os próprios profissionais admitiram que ainda há uma resistência em relação à introdução das tecnologias digitais no processo produtivo da notícia e destacam alguns pontos, como o apego que o jornalista tem com o papel como resultado concreto, palpável do seu trabalho, ou até mesmo a dificuldade dos mais velhos em lidar com as ferramentas tecnológicas.

Hoje, a "menina dos olhos" ainda é o impresso, o jornalista ainda quer ver a sua matéria no papel, nas bancas. Isso é parte da resistência que vemos em não querer adiantar o conteúdo no site. [...] Mas acho que estamos no caminho certo, o grande problema é mesmo o hábito. Só que quem não aceitar, não se adaptar, será expulso do mercado. (PT1)

Vemos aqui dentro mesmo que há questão relacionada à diferença de gerações no que se refere a resistência às novas tecnologias. [...] É tudo ainda muito recente, o nosso pensamento aqui na redação ainda é analógico. Mesmo com toda a orientação, muitas vezes o repórter esquece de enviar a notícia da rua. Toda mudança gera resistência. Surge a pergunta: será que estou trabalhando duas vezes? Mas acredito que devemos encarar que isso é um processo de evolução. (PT3)

No Extra um fator parece ter feito diferença na aceitação das novas competências. Como o jornal não tinha um site na internet até 2007, a própria redação cobrava isso. Muitos relataram que queriam ter a experiência multimídia e era até difícil explicar para outros colegas de profissão porque o veículo do porte do Extra ainda não tinha uma página na web. Quando a direção decidiu então lançar o Extra Online, os profissionais comemoraram. Além disso, veio da direção a decisão de criação do portal e de que o modelo seria o de convergência de redação (os próprios jornalistas da versão impressa produziram conteúdos para o online), mas todo o desenvolvimento do fluxo, dos novos formatos, da dinâmica de produção (como a “redação móvel” e o “Repórter 3G”) contou com a participação de repórteres e editores.

Toda a equipe comprou a ideia logo de cara, não houve uma grande resistência. É natural: no primeiro momento as pessoas pensam: “Caraca, é mais trabalho”. Mas daí percebem que aquilo é incorporar outro trabalho que traz audiência, reconhecimento do seu trabalho, mais visibilidade. O profissional que só sabia digitar aprende a editar, desenvolve uma nova linguagem, ele cria um portfólio digital. Todo mundo tem a mesma pegada?

Não, e não vai ter. Cada um tem mais habilidade para essa ou aquela função. Os mais jovens têm mais facilidade em manusear as ferramentas, mas os mais velhos têm mais consistência no texto. Vi o caso de um jornalista daqui de mais de 50 anos, até ele aderiu ao vídeo e à narração multimídia, com um texto mais maduro. Se ele não sabe editar o vídeo, OK, outra pessoa faz isso aqui na redação (PE1).

No Extra, entretanto, há também ocasiões de conflito entre a dinâmica multimídia e sua introdução no cotidiano das pessoas. Existe, por exemplo, uma meta para que cada jornalista produza ao menos um vídeo por dia. Os repórteres, em oposição, afirmaram que nem sempre é possível atingi-la devido à falta de tempo na rotina diária ou porque muitas vezes o assunto realmente não rende imagens que complementem a informação. Grande parte das reclamações no jornal fluminense foi feita por profissionais que atuam com total mobilidade, sem frequentar a redação. Acompanhando a rotina desses jornalistas, foi possível constatar o cansaço físico e o desconforto de trabalhar nesse formato. As distâncias percorridas são longas e a sensação ao final é de que se passou o dia viajando. Escrever no carro causa náuseas e há outras dificuldades, como não ter um banheiro limpo ou um lugar para beber água, além do incômodo físico de se escrever com um computador no colo, resultando em dores na coluna e no pescoço. Há ainda a questão da segurança. Esses repórteres percorrem, com os motoristas, áreas de periferia do Rio de Janeiro e não se sentem tranquilos em usar os equipamentos digitais, de alto valor, em qualquer lugar. Além disso, ressentem a falta de convivência com os colegas de trabalho, pois costumam ir à redação apenas uma vez na semana. Um ponto a se considerar é o exposto por Kischinhevsky (2009), quanto à precarização do trabalho e a escassez de emprego na área, que tem levado jornalistas aceitar situações abusivas ou desconfortantes, sem protestos, chegando até mesmo a naturalizá-las como inerentes a sua atividade.

Tanto o jornal impresso quanto a internet tem na base comunicativa a linguagem escrita e isso suscita na academia e na prática cotidiana a discussão sobre a formação de narração nos dois meios. A interatividade e a multimídia possibilitadas pela tecnologia digital têm mostrado que exige da notícia novos formatos narrativos, o que é objeto de estudo de muitos pesquisadores. O nosso interesse foi observar como o profissional que atuava numa mídia impressa passa a conceber a construção da notícia a partir da integração

com a internet. Nos dois casos estudados, os jornalistas muitas vezes precisam escrever sobre o mesmo assunto para meios distintos. A noção generalizada, tanto entre os profissionais da Tribuna do Norte quanto do Extra, é de que o principal diferencial entre o conteúdo digital para o jornal impresso está no tamanho do texto e sua profundidade. A visão é que a notícia do meio online deve ser curta, superficial, enquanto o jornal impresso seria o espaço para a análise. Há, contudo, o problema da falta de treinamento dos profissionais não só para o meio web, mas para a linguagem audiovisual.

Há sim uma diferenciação no texto do online e do impresso. No primeiro, o mais importante é publicar antes o novo. No impresso, pelo menos a Tribuna do Norte, prima pelo diferencial da matéria. Como as TVs e os sites já vão ter veiculado a informação, temos que produzir um material que traga algo que ainda não foi mostrado. Ou seja, aprofundamos mais a notícia. Na prática, às vezes é complicado pensar a mesma notícia e escrever de formas diferentes. Dependendo do assunto, a matéria acaba sendo uma cópia (PT4).

Trabalhei alguns anos em rádio, antes de ir para o jornal. Chegar ao impresso, além de uma nova experiência profissional, me ajudou a desenvolver novas competências e a trabalhar melhor o meu texto. Introduzir a fotografia no meu dia a dia foi um avanço, porque no rádio não nos preocupamos com imagem. Mas o vídeo ainda está em processo, não consegui naturalizar totalmente na minha maneira de narrar um acontecimento. Mesmo porque, tirando as aulas da faculdade, não tive nenhuma orientação sobre telejornalismo onde trabalhei até agora (PE3).

De acordo com Traquina (2005), a “maneira de falar”, isto é, de narrar um fato, configura uma das competências que caracteriza a profissão jornalística. Há um saber compartilhado, que não se aprende somente nas universidades, mas que também é desenvolvido na prática cotidiana. O “jornalês”, segundo o autor, abrange desde formatos textuais, até princípios de clareza, simplificação, concisão e a utilização de metáforas para auxiliar na compreensão do leitor. Nessa transição do jornalismo impresso para a internet, alguns desses mecanismos de alteram e a tensão observada entre os profissionais é uma consequência.

Uma idealização ainda transpareceu nas opiniões dos profissionais entrevistados: o papel como o espaço da análise e da profundidade, pois remete à identidade tradicional do jornal. Porém, o próprio meio impresso, com as reformas gráficas e maior apelo das imagens, vem diluindo a parte textual, além do fato dos profissionais terem cada vez menos tempo para a análise, para buscar diversas fontes e trabalhar na contextualização e análise dos fatos. A web, por fim, assume abertamente a condição da “superficialidade” e

“instantaneidade” como valor máximo. O senso comum entre os jornalistas foi o de que “chegar na frente” é o que mais importa.

Mesmo a empresa alegando que não há aumento de trabalho, na prática há sim! Isso porque muitas vezes o repórter tem que fazer um vídeo com o entrevistado, escrever a matéria para o online e para o impresso. Isso pode acabar atrapalhando o processo de apuração da notícia e, conseqüentemente, a matéria. Às vezes atrapalha mesmo, porque ficamos preocupados em fazer o vídeo ou foto e enviá-los para o site e enquanto isso o entrevistado está falando alguma informação importante e você está “distraído” mexendo no computador ou no celular (PT4).

## 6. Considerações finais

Ao longo da pesquisa, conhecemos em profundidade os modelos de convergência do jornalismo impresso com a internet dos jornais Tribuna do Norte e Extra. O principal diferencial entre as duas experiências de convergência se concentra no envolvimento dos profissionais na formatação e implantação do projeto multimídia. Nos dois casos a decisão de adotar um formato convergente de redações para atender os meios impresso e online esteve associada à necessidade de ocupar o ambiente digital sem aumento de custo, mantendo a mesma equipe e com pouco investimento em equipamentos e tecnologia. No Extra, a decisão foi tomada pela sua direção, porém todos os testes, sugestões de formatos, revisões de processos e manuseio de ferramentas aconteceram com o envolvimento da equipe. Em contrapartida, na Tribuna do Norte a decisão pela convergência foi da direção e a delegação das “novas atribuições” aconteceu de cima para baixo.

O Extra também demonstrou ter uma política editorial mais bem definida para a internet. A proposta de levar um conteúdo diferente para o site se apoiou especialmente em formatos que não seriam possíveis na plataforma de papel. A Tribuna do Norte, ao contrário, não tem um projeto claro para a web: a proposta é ocupar o espaço, estimulada pelo imperativo da concorrência, para não deixar de publicar informações online uma vez que outros jornais o farão. Contudo, de um modo geral, a noção atribuída pelos profissionais dos dois veículos para diferenciar o produto de um meio para outro está apoiada na defesa de uma agilidade e superficialidade da internet, por meio de textos mais curtos e objetivos, enquanto a versão impressa se manteria como o espaço da análise e da profundidade. No entanto, como vimos, isso não tem acontecido na prática, com a repetição de notícias nas duas plataformas. O jornalismo impresso sofre de um paradoxo: por um lado, a concepção dos profissionais aponta para a noção de que esse seria o espaço da “análise em profundidade”, pois representa a identidade que o meio impresso detinha (MARCONDES

FILHO, 2009); por outro, não é o que observamos acontecer na prática da atividade. Os textos estão cada vez mais curtos e em muitos casos são até mesmo iguais aos da internet.

Em complemento, as condições de trabalho se mostram estafantes: mais atribuições, mesma remuneração e jornada de trabalho, pressão por agilidade, pressão para se pensar e produzir a notícia em diferentes formatos e linguagens, falta de treinamento, desconforto físico no uso das tecnologias, perda da vivência no ambiente de redação são apenas algumas das características observadas neste trabalho.

Wolton (2010) reflete sobre a dicotomia vivida pelo jornalismo na atualidade, na defesa de função de intermediário. Na sua visão, são esses profissionais os responsáveis pela frágil vitória da liberdade de informação e quanto mais informação estiver disponível, gratuitamente, mais importante é o seu papel de filtro crítico para a sociedade. Outros renomados autores também defendem a manutenção do jornalismo em seu papel de mediador legítimo entre sociedade e informação (SODRÉ, 2009; MORETZSOHN, 2007; LEMOS, LÈVY, 2010), oferecendo conteúdos confiáveis e de qualidade nesse oceano caótico de informações que se constitui a internet. O jornalista (esse profissional em condições de trabalho precárias, sem treinamento, pressionado pelo tempo, destituído de condições para críticas e análises) seria a figura apontada para filtrar, reconhecer, comentar e elaborar um conteúdo relevante para sociedade.

No entanto, a teoria, ao ser confrontada com o que observamos na prática, deixa lacunas sobre como alcançar esse ideal frente a uma atividade jamais autônoma, mas dependente das estruturas capitalistas as quais está associada. O próprio Wolton (2010) alerta que esse acúmulo de responsabilidade, a lógica do “furo”, a corrida contra o tempo e a excessiva participação do público (amadores) não devem justificar a queda de qualidade, pois essa é o estatuto do próprio jornalismo.

[...] é importante lutar contra a solução demasiado fácil do jornalista “multimídia”, que passaria indiferentemente de um suporte a outro, o que se dá, na verdade, sobretudo por razões de racionalidade econômica. Deve-se também aprender a lutar contra as pressões políticas, mas sobretudo econômicas, tendo como objetivo vencer o desafio essencial de reduzir a concentração das indústrias da informação e da comunicação, que são incompatíveis com o pluralismo (WOLTON, 2010, p. 75).

Apurações incompletas, desinformação por notícias equivocadas, textos superficiais, fotos e vídeos distorcidos ou mesmo ausentes de informação, como identificado na pesquisa de campo, não validam a teoria que visa legitimar o jornalista em seu papel de mediador. A

questão da qualidade no jornalismo deve ser um ponto central. Ganha-se agilidade e reduz-se custos, perdendo-se qualidade, ou investe-se em qualidade (boas pautas e bons profissionais) e ganha-se em credibilidade? A dicotomia entre o discurso legitimador e prática desafiam o tripé qualidade – credibilidade – lucro que ao longo do desenvolvimento do jornalismo industrial garantiu sua posição na sociedade.

## Referências

- BARBOSA, Suzana. Convergência jornalística em curso: as iniciativas para a integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009, p. 35-55.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico. In: RODRIGUES, Carla (org.). **Jornalismo online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009, p. 57-74.
- LEMONS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**. Em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista**. O desafio das tecnologias e o fim das ilusões. São Paulo: Paulus, 2009.
- MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos**. Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e "estórias"**. 2. ed. Lisboa: Veja, 1999, p. 91-100.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. vol. 2. Florianópolis: Insular, 2005.
- WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

## Convergence between print and digital media: reconfigurations in the journalistic routines of the Tribuna do Norte and Extra

### Abstract

The article is devoted to research about the changes taking place in journalism in contemporary society, as a result of their own sociocultural situation intensified by communication technologies. The focus is around the production process of news in print journalism in his professional and technological convergence with the internet. The proposal was to investigate the experience of two Brazilian newspapers in the

implementation of models of integration between the production of print and digital media.

### **Keywords**

Newsmaking, Digital Technologies, Convergence.

## **La convergencia entre medios impresos y digitales: las reconfiguraciones en las rutinas del diario Tribuna de Norte y Extra**

### **Resumen**

El artículo está dedicado a la investigación sobre los cambios que tienen lugar en el periodismo en la sociedad contemporánea, como resultado de su propia situación socio-cultural intensificada por las tecnologías de comunicación. La atención se centra en torno al proceso de producción de noticias en la prensa escrita en su convergencia tecnológica y profesional con el internet. La propuesta fue investigar la experiencia de dos diarios brasileños en la implementación de modelos de integración entre la producción de medios impresos y digitales.

### **Palabras-clave**

Newsmaking, Tecnologías digitales, Convergencia.

*Recebido em 12/03/2012*

*Aceito em 31/05/2012*